

SAGA. A VIDA DOS FERREIRA PINTO BASTO

A FAMÍLIA QUE REVOLUCIONOU PORTUGAL



Um quadro com José Ferreira Pinto Basto, a mulher Bárbara Allen e parte dos 15 filhos do casal e outros familiares

A fábrica da Vista Alegre foi uma das joias dos Ferreira Pinto Basto

Figuram entre os “donos” do País por causa da longa dinastia comercial e industrial que construíram. O patriarca nasce no século XVIII, mas, da política aos negócios, os seus descendentes estão por todo o lado e instalam-se nos mais prestigiados cargos públicos. Fazem revoluções, tomam os monopólios do tabaco e do vinho, têm de tudo e negociam quase tudo. Financiam governos e até vendem navios de guerra. Trouxeram o futebol e o ténis para Portugal e aqui instalaram, há 200 anos, a mais importante fábrica de porcelanas da Península Ibérica – a Vista Alegre.

Por **Paulo Vila**



▶ José Ferreira Pinto Basto (1774-1839) foi um dos homens mais ricos de Portugal e fundou um verdadeiro império familiar

ID: 106181409

13-07-2023

Destaque

Lisboa, 1831. Quando Bárbara Inocência Allen hasteou a bandeira do seu país numa das janelas do palácio residencial – procurando repelir, dada a sua nacionalidade inglesa, eventuais perseguições políticas –, enquanto o marido se refugiava a bordo de um navio francês depois de o governo miguelista lhe ter dado ordem de prisão, poucos imaginariam o quanto os conflitos entre liberais e absolutistas iriam contribuir para uma grave cisão no seio daquela que chegou aos dias de hoje como uma das maiores e mais antigas famílias portuguesas.

O episódio tem uma razão de ser. José Ferreira Pinto Basto (1774-1839) contava-se entre os negociantes mais prósperos e influentes do reino. Para além da vastidão de propriedades que detinha de norte a sul do País, mercadejava em muitas áreas. Do alvará concedido por D. João VI, que o autorizou a fundar a Vista Alegre (1824), a célebre fábrica de porcelanas que está prestes a completar 200 anos, consta que José Ferreira Pinto Basto é “dotado de um génio empreendedor, a quem as dificuldades não embaraçam, nem desanimam as despesas”. É certo que a grande ascensão económica dos Ferreira Pinto Basto já se tinha dado em 1816, altura em que arrematam o Contrato dos Tabacos e Saboarias, um monopólio milionário no qual se afirmam a cada renovação trienal e que ficou a ser chefiado pelo então marido de Bárbara Allen, filha do cônsul inglês em Viana do Castelo (Duarte Allen), onde aliás nasceu, na freguesia de Monserrate, em 1783.

A par de outras grandes fortunas, entre as quais se destacam as do visconde de Porto Covo da Bandeira e do conde da Póvoa, a de José Ferreira Pinto Basto foi objeto das atenções de D. Miguel e dos seus ministros quando, em 1831, as finanças públicas estavam prestes a colapsar. O governo lançou um empréstimo obrigatório sobre as principais riquezas nacionais, mas José recusou entregar os 16 mil reis que lhe cabiam. Foi esta resistência que levou

FERNANDO TEIXEIRA



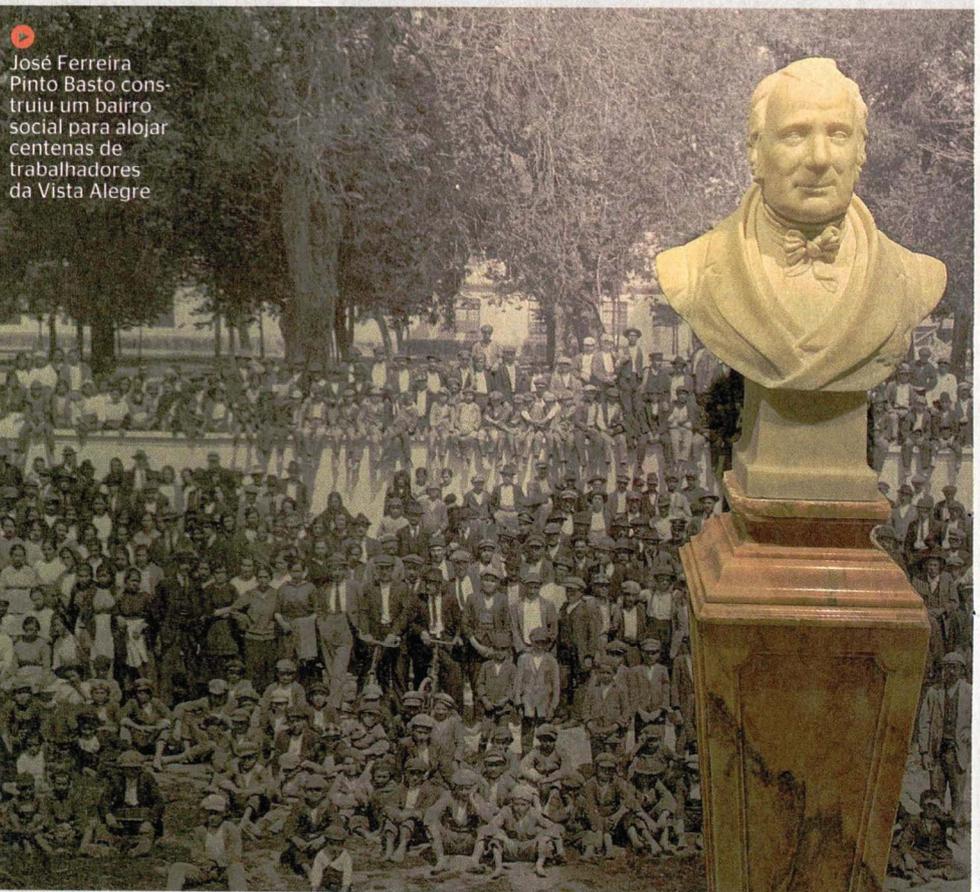
o negociante a procurar refúgio ao largo do Tejo, tendo regressado dias depois ao seu palácio em Santo Amaro, Lisboa, para continuar uma vida cuja normalidade estava permanentemente ameaçada pela possibilidade de ser preso. Contra a sua vontade, o ambiente hostil resultante destes acontecimentos quase o levaram a mudar-se para Londres no ano seguinte, onde se estabeleceu Teodoro, um dos 15 filhos saídos do casamento com Bárbara Allen. Por adversidades de várias ordens, relacionadas com a obtenção do passaporte, não foi. O certo é que, com aquela recusa, tinham-se

A casa da família Pinto Basto (recuperada) que fica junto à Vista Alegre, em Ilhavo

O GOVERNO LANÇOU UM EMPRÉSTIMO SOBRE AS PRINCIPAIS RIQUEZAS NACIONAIS; JOSÉ RECUSOU PAGAR

esfumado os indícios de neutralidade de José face ao poder absolutista instalado em Lisboa.

No ano seguinte, com os avanços do exército de D. Miguel para norte, os recursos da família voltariam a ser solicitados para acudir às dificuldades por que passava o governo liberal do Porto. E embora o dinheiro não tenha socorrido diretamente a causa constitucional, o momento agravou a tensão entre os Ferreira Pinto Basto, traçando-lhes diferentes destinos. José e os seus filhos, juntamente com as irmãs e o irmão João, formam um grupo. António – o único miguelista da família – constitui outro, mais concentrado no Porto, do qual fazem também parte os filhos que, pelas relações matrimoniais de alguns deles, colocam-no próximo de muitos partidários absolutistas. A desunião levou a que este ramo fosse perdendo força na família, provocando, inclusive, a extinção



José Ferreira Pinto Basto construiu um bairro social para alojar centenas de trabalhadores da Vista Alegre

FOTOS D.R.

ID: 106181409

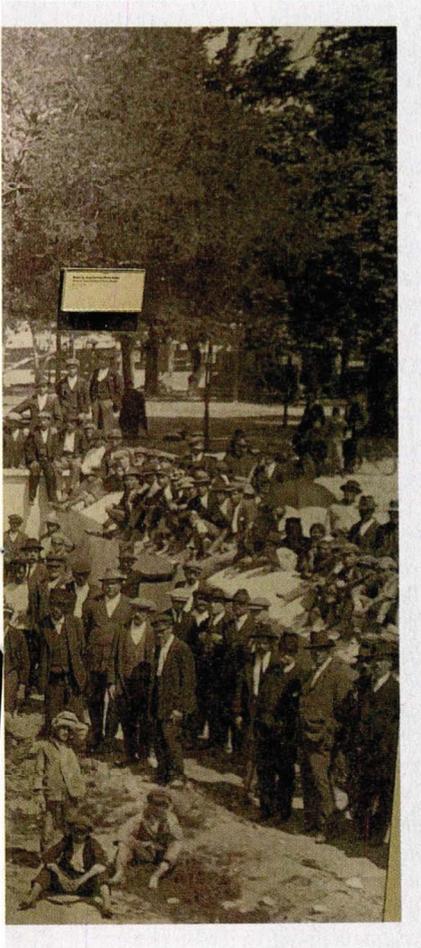
13-07-2023

da descendência do lado masculino e a uma cessação dos negócios.

Ainda que com algum exagero à mistura, no elogio histórico de José Ferreira Pinto Basto, José Estêvão Magalhães defendeu que o número de propriedades do amigo era tão grande que, “viajando do Norte ao Sul do País, pernoitava todos os dias numa casa sua”. Bem ou mal, adiante veremos como, a partir de Londres, o barão de Forrester poderá ter alguma responsabilidade nesta ideia.

Comprar 15 propriedades

O certo é que este imenso património imobiliário seria ainda ampliado aquando do confisco das propriedades pertencentes às ordens religiosas masculinas na sequência do decreto de extinção de 1834. A sua grande fortuna permitiu-lhe ser um dos principais arrematadores – o 6º entre 1.876 compradores, de acordo com o historiador António Martins



A música Alegre

A “banda da fábrica” esteve na boda real de D. Carlos

No mesmo ano em que José Pinto Basto inaugurou um colégio com internato (1826), a Vista Alegre passou a ter uma **filarmónica privativa** composta pelos seus trabalhadores. Um dos muitos pontos altos da banda foi quando o príncipe D. Carlos fez questão de a levar para a boda real com Amélia de Orleães, em maio de 1886

da Silva. Entre quintas e conventos, com 114 contos comprou 15 propriedades. E se considerarmos que, ao longo de todo este processo, foram arrematados 7.267 lotes, depressa se conclui que os dele estavam seguramente entre os mais valiosos no preço e no tipo. “A parte que coube a cada um é que foi muito desigual”, escreve o investigador na *História de Portugal* dirigida por José Mattoso (1993). Só pela imponente Quinta de Foja (Montemor-o-Velho), então propriedade do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, desembolsou 77 contos, mais de metade do que gastou na compra das restantes 14. Com mil hectares, é a maior propriedade acima do Mondego e uma das mais antigas: teve nos frades Crúzios os primeiros proprietários – por doação de D. Afonso Henriques, em 1166,

Os bombeiros privados da Vista Alegre aqui representados numa imagem de 1928

COM POUCO MAIS DE 30 ANOS, JOSÉ FERREIRA PINTO BASTO TINHA JÁ GRANDE CAPACIDADE FINANCEIRA

Padroeira

A Nossa Senhora da Penha de França é a padroeira da Vista Alegre desde 1824. A festa é no primeiro fim de semana de julho

com confirmação de D. Sancho II, em 1248 –, aos quais se atribuiu a introdução do cultivo de arroz em Portugal. De um enorme pântano onde quase nada se cultivava, foi sobretudo com os filhos que se transformou numa exploração agrícola de referência nacional, admitindo-se que aquele seja o berço do tradicional arroz carolino. O enorme solar ali construído data de 1580, enquanto a capela dedicada a Santa Conceição surge 13 anos mais tarde.

Homem de fortes valores religiosos – que a prole sempre partilhou –, o gesto parece assim sugerir que José Ferreira Pinto Basto colocou o liberalismo acima de todos os ideais, já que o fim daquelas congregações e a polémica nacionalização dos seus bens contribuiu decisivamente para aumentar a dependência da Igreja em relação ao Estado e diminuiu-lhe a influência política.

Na dissertação *Utopias realizadas: Da New Lanark de Robert Owen à Vista Alegre de Pinto Basto*, Olga Maria Almeida defende que, “tendo em conta o génio empresarial de José, essas aquisições teriam como objetivo renovar a agricultura portuguesa, tornando-a um negócio rentável”. As quintas de Foja e do Paço da Ermida (Ílhavo) destacam-se pelos investimentos avultados que o negociante fez no cultivo de arroz, continuando a primeira a ser uma referência na produção do cereal e na posse da família.

Alguns dos imóveis localizados nos concelhos de Cabeceiras de

ID: 106181409

13-07-2023

▣ Basto e Paredes, no Norte do País, foram deixados em herança pelo seu pai. Mas são dezenas aqueles que comprou nos distritos de Aveiro, Coimbra, Vila Real, Braga, Porto, Bragança e Lisboa, aos quais se juntam sete herdades no Alentejo. A maior parte destas aquisições teve lugar entre 1810 e 1817, o que deixa perceber que, com pouco mais de 30 anos, José tinha já grande capacidade financeira.

Não é possível determinar com rigor a data em que o industrial comprou os terrenos onde viria a ser construída a mais importante fábrica de porcelanas da Península Ibérica, mas a Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo, é a que mais se distingue de entre todo o património imobiliário. Era parte integrante do extinto concelho e couto da Ermida, cujo foral é 1514 e ao reinado de D. Manuel.

Vista Alegre, a joia da família

No País e mesmo além-fronteiras, o prestígio dos Ferreira Pinto Basto deve-se, em grande medida, à notoriedade alcançada pela marca Vista Alegre, à qual nem mesmo Eça de Queirós (*As Farpas*) deixou de se associar quando vaticinou com premeditado irrealismo o que poderia acontecer a esta “vidraçaria” caso as políticas miguelistas tivessem vingado.

Vingaria, ao invés, o grande projeto que transformou uma quinta numa povoação, apesar de ter sido implantado no decorrer dos tumultuosos anos em que a instabilidade e o confronto político conduziram o País a uma guerra civil (1832-1834). A “grande fábrica de louça, porcelana, vidraria e processos químicos” concedida a José Ferreira Pinto Basto por alvará régio começou a funcionar em 1824, mas desde a fundação até se alcançarem com êxito as primeiras peças de porcelana passaram 11 anos de aturados trabalhos, viagens e experiências, algumas das quais feitas num laboratório instalado na sua casa, em

▶ José Ferreira Pinto Basto Júnior, a quem a imprensa chamava com desprimento “o barão dos charutos”



Navegação
Os Ferreira Pinto Basto montaram escritórios em Londres e apostaram no transporte marítimo para a Europa e África. Na Rocha do Conde de Óbidos, em Lisboa, construíram estaleiros

Tabacos
Carta de Privilégios do Tabaco e Saboarias arrematado por Francisco António Campos e pela família Ferreira Pinto Basto, que entrou em vigor em janeiro de 1818. Mais um negócio

Cerâmica
Estatutos da Real Fábrica de Porcelanas, Vidros e Processos Químicos, que instituiu em 1824 a Vista Alegre. No fim do século XX a empresa passou a ser controlada pela Visabeira

A “GRANDE FÁBRICA DE LOUÇA, PORCELANA, VIDRARIA E PROCESSOS QUÍMICOS” FOI CONCEDIDA POR ALVARÁ RÉGIO



Lisboa, no Largo do Chiado. É que por esta altura o fabrico deste produto era ainda desconhecido dos portugueses. Os ensaios decorreram no histórico Palácio do Loreto, residência do capitalista, que já foi sede de bancos (BNU) e seguradoras (A Mundial, Bonança), e local que acolheu D. Pedro IV de 29 de julho a 2 de agosto de 1833.

Mas, em rigor, escreveu o economista e historiador José Acúrsio das Neves, logo em 1827 o que existe na Vista Alegre são “três fábricas”: a de porcelanas, de vidros e de produtos químicos, empregando 125 pessoas quando estavam decorridos 15 anos sobre a abertura de portas.

Augusto, Joaquim e Alberto foram chamados pelo pai para gerir a fábrica. Ao primeiro, o fundador incumbira anteriormente a tarefa de a ins-

talhar e de contratar empregados. Entre outras acusações que o desgostavam, pendia sobre o patriarca a de que admitia pessoas comprometidas com a causa liberal. O que se sabe é que os laços eram efetivamente fortes e algumas destas pessoas encontraram em Augusto e Alberto os padrinhos para os seus filhos. Do mesmo modo, o batalhão da Guarda Nacional de Ílhavo, que tomou parte nas lutas constitucionais sob o comando de Alberto, era formado por operários da Vista Alegre.

“José Ferreira Pinto Basto tinha a ambição de fazer aqui uma grande obra social, dando aos seus empregados instrução artística e científica, proporcionando-lhes boas habitações junto à fábrica, e formando com eles um núcleo unido por saudáveis relações de trabalho”, descreve Carlos Bobone na monografia da sua família, publicada em 1997. A verdade é que, logo em 1826, com o propósito de formar e educar numa perspectiva profissional, a Vista Alegre já disponibiliza para ambos os sexos um colégio com internato, no qual também se ensinava a ler e a escrever, aritmética e desenho, música e, claro, a doutrina cristã.

As aulas de desenho e pintura chegaram a estar a cargo de Victor François Chartier Rousseau, pintor francês exilado em Inglaterra onde foi contratado por Alberto, quinto filho de José Ferreira Pinto Basto, para trabalhar na Vista Alegre como artista decorador de porcelanas. E, assim, em 1878, quando mais de 82% da população portuguesa era analfabeta, cerca de uma década depois existiam naquela fábrica 231 trabalhadores homens que sabiam ler.

Para apoiar os funcionários, José mandou edificar em redor do complexo fabril um conjunto de casas “que lhes garantiam uma habitação condigna”. Foram ainda criados um teatro e uma companhia “na qual os trabalhadores podiam participar, além de várias estruturas desportivas e musicais”. O objetivo de tudo isto, escreve Bruno Bobone (*Do Medo ao Sucesso*, 2009) a propósito do seu pentavô, “era garantir que cada trabalhador promovesse o seu próprio desenvolvimento individual, para

FOTOS D.R.



O fadista da família

António Pinto Basto chegou a estar nos tops da música

António Pinto Basto é um dos mais populares **fadistas da sua geração**. O curso de Engenharia Civil tirado no Instituto Superior Técnico levou-o para os quadros da Siderurgia Nacional, mas a passagem pela noite de fados na Feira dos Salesianos de Évora, quando tinha apenas 13 anos, converteu-o à canção popular portuguesa.

além do mero pagamento da justa remuneração pelo trabalho. No fundo, queria que os trabalhadores e as suas famílias fossem felizes”.

Já para os órfãos que ali eram admitidos como aprendizes, o bom cristão e mentor da Vista Alegre pôs em prática algumas das obras de misericórdia: “Serem à minha custa vestidos, mandados ensinar a ler, escrever e contar, comer, cama e isto todos os anos da sua aprendizagem.”

Tudo isto leva a professora Olga Maria Almeida a concluir que José Ferreira Pinto Basto “pretendia operários com uma ‘educação delicada’ para, desta forma, conseguir melhor e mais produção e uma comunidade pacífica que obedecesse aos seus padrões morais”. E a fórmula parece ter dado frutos ao longo dos tempos, conta o descendente Bruno Bobone. “Mesmo nos meses que se seguiram ao 25 de Abril de 1974, altura em que

a contestação sindical atingiu proporções nunca vistas, nenhuma das empresas da família registou uma única greve. Nem nos momentos em que se promoveram greves gerais”.

Depois de uma reestruturação que, em finais do século passado, recolocou o controlo acionista da Vista Alegre nas mãos da família Ferreira Pinto Basto, mais de 90% do capital está hoje na posse do milionário Fernando Campos Nunes, do Grupo Vissabeira. Bruno Bobone não esconde que guarda “alguma saudade” da empresa depois de ter feito parte de um leilão (que perdeu) para a comprar. Na conversa que manteve com a **SÁBADO** no edifício-sede do Grupo Pinto Basto, ao qual preside, o empresário confidenciou o que, “passados uns anos”, disse ao novo dono da Vista Alegre: “Provavelmente isto não é muito normal, mas eu quero dar-lhe os parabéns. Ainda



O contratopedeiro NRP Douro, um dos navios fornecidos pelos Pinto Basto à Armada Portuguesa

Crescer

A Electrocerâmica e a Sociedade de Porcelana foram adquiridas pela Vista Alegre durante o Estado Novo

A notícia

Capa do *Diário Ilustrado* de 12 de março de 1884 com a notícia da morte de Teodoro, um dos 15 filhos de José Ferreira Pinto Basto. O empresário teve vários elogios públicos

A DINASTIA COMERCIAL E INDUSTRIAL COMEÇOU COM O CONTRATO DO TABACO E O PAPEL SELADO

bem que você comprou a empresa porque nunca a família teria feito a enorme mudança que você fez ali.” Carlos Bobone, o primo direito que também participou nesta conversa, partilha da ideia de que “a Vista Alegre precisava de fazer parte de um grande grupo económico”. A avaliar por estas palavras, tudo parece estar bem entre o atual e os antigos donos da Vista Alegre. “Comprei umas ações, coisa pouca, e hoje, por graça, o Fernando Campos chama-me sócio”, conclui Bruno Bobone.

A marca, cuja insígnia já foi alterada 43 vezes depois da sua fundação, produz atualmente porcelanas de mesa e decorativa, vidro, cutelaria em aço inoxidável e cristal de alta qualidade, sob a chancela Vista Alegre Atlantis. Mas pela lista de produtos que foram apresentados na Exposição Internacional de Londres, em 1851, também produziu... tijolos.

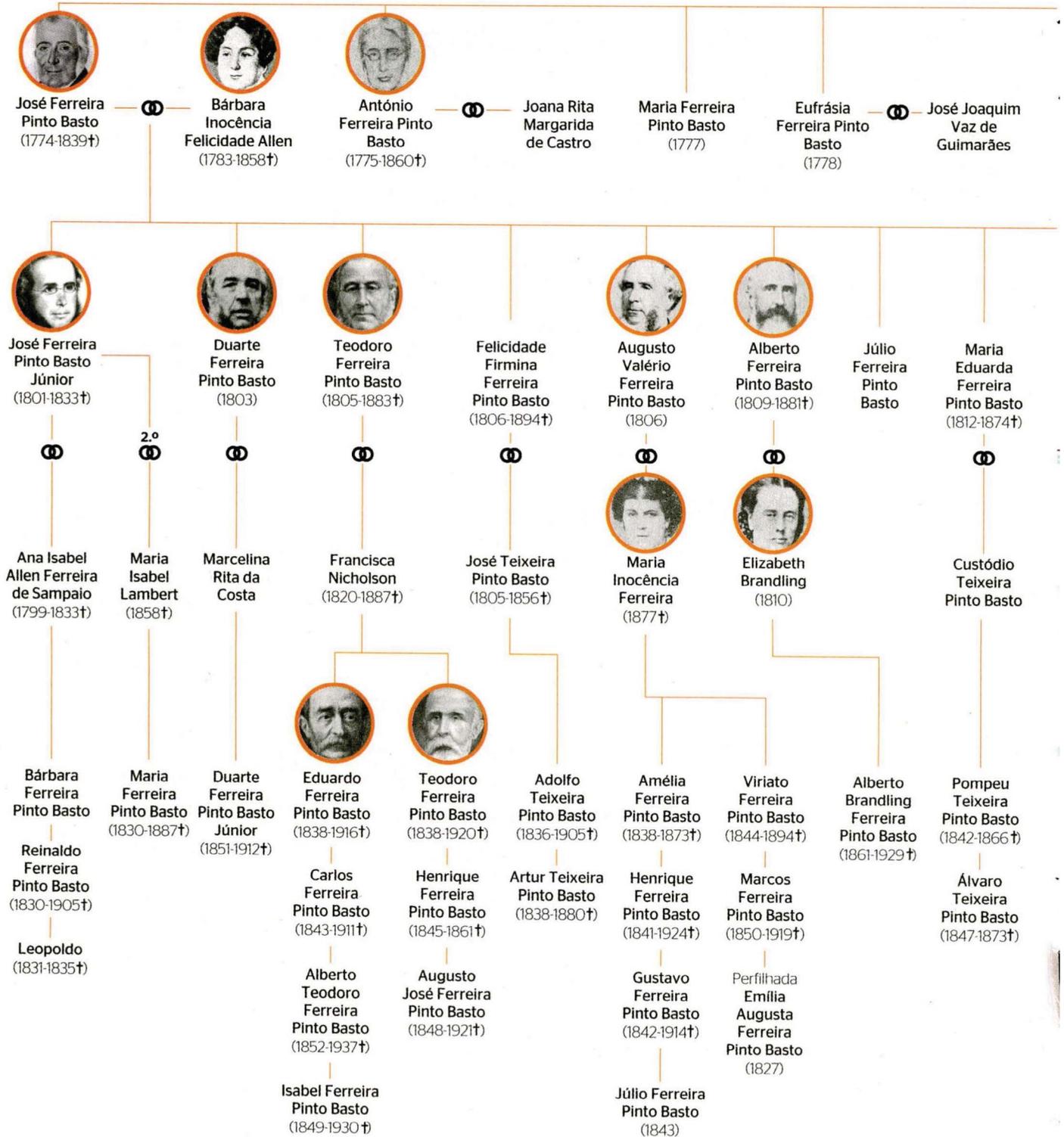
Negócios para todos os gostos

A arte de mercadejar é intrínseca aos Ferreira Pinto Basto, em relação aos quais há registos de transações efetuadas numa pequena localidade nos arredores de Braga logo nos primeiros anos do século XVII. Mas a diversificação dos negócios da família terá sempre de ser atribuída ao primeiro filho do já então importante comerciante do Porto, Domingos Ferreira Pinto Basto, que em 1773 veio a casar com Maria do Amor Divino da Costa. Nos seus descendentes (filhos e netos) está o dinamismo empresarial que leva os autores de *Os Donos de Portugal* (2010) a pôr à cabeça da lista da “grande família” de “homens da finança que entram pelo século XX” o nome de José Ferreira Pinto Basto. “Não têm sequer ideia da dimensão da família”, contrapõe Carlos Bobone, para de seguida o primo lembrar que ele “era das pessoas que tinham maior riqueza e influência, mas foi dos que mais fez pelo desenvolvimento e pela distribuição dessa riqueza”.

Esta dinastia comercial e industrial começou a ganhar forma, como vimos, com o contrato do tabaco – que lhe permitiu, também, obter do governo a concessão da venda de

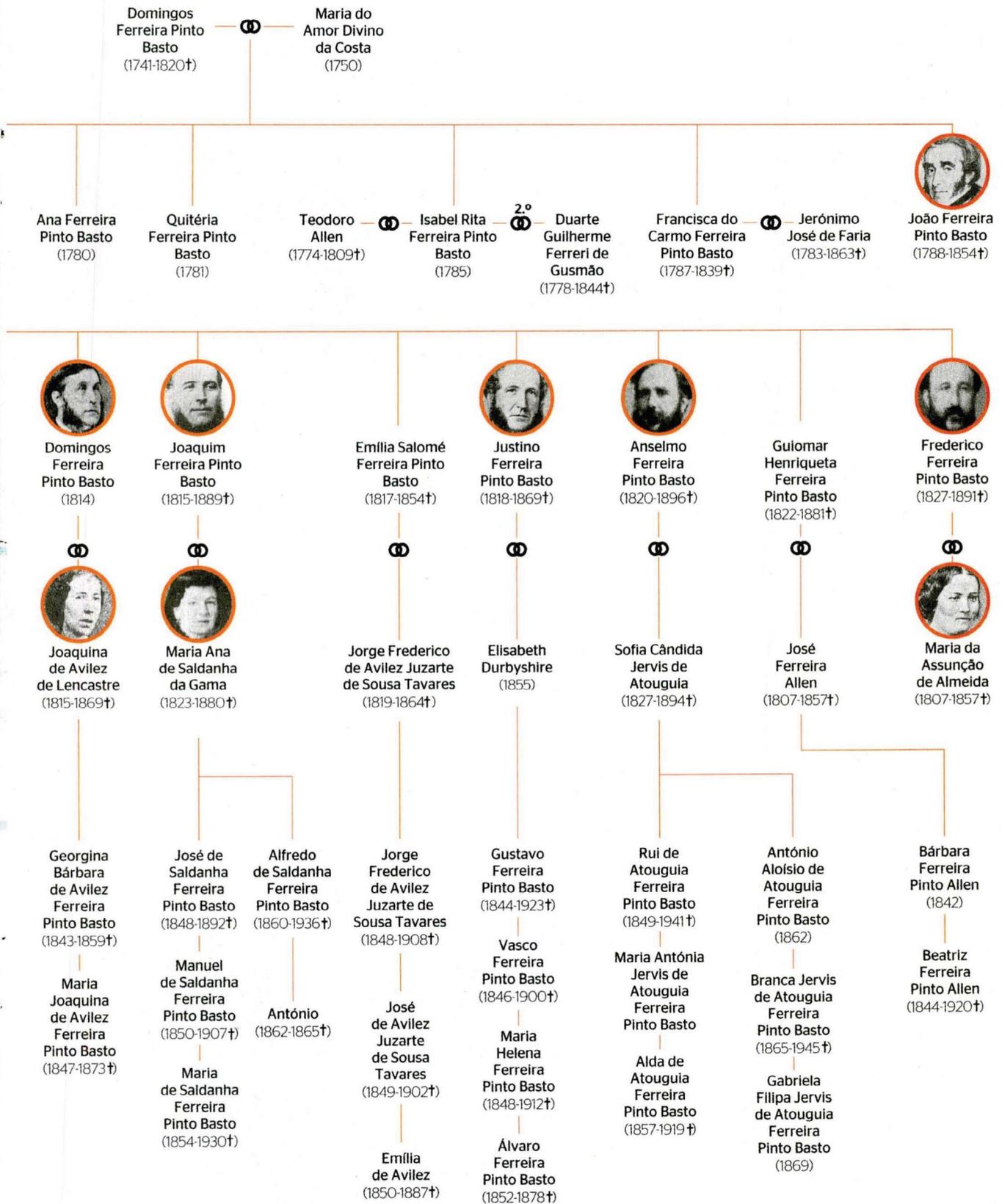
A família Ferreira Pinto Basto

Tudo começou com Domingos e Maria do Amor, que no século XVIII tiveram nove filhos. Um deles foi José Ferreira Pinto Basto, que se transformou num dos maiores industriais portugueses. Os seus descendentes, inicialmente 15 filhos, e familiares deram origem a um clã que terá hoje mais de três mil membros. Muitos casaram ao longo dos anos entre si



ID: 106181409

13-07-2023



R.S.

o papel selado —, mas desde 1809 que José tinha já como negócio, entre outros, o arrendamento de dízi-mos (direito de proceder à cobrança de impostos mediante um pagamento acordado com a Igreja), ofício que prolonga até 1837. Uns correm melhor do que outros. Em 1830, fundou no Alboi, Aveiro, uma fábrica de soda que, todavia, não chegou a entrar em funcionamento. Os Moinhos do Cojo, também em Aveiro, são outro dos negócios gorados quando estiveram na sua posse. Fracassos que se ficaram a dever a “causas insuperáveis”, justificou o seu amigo, José Estêvão Magalhães, no elogio histórico de José Ferreira Pinto Basto, em dezembro de 1841.

Toda a capacidade empreendedora do comerciante transmitiu-se aos filhos que, com a morte do pai, agruparam a herança em torno da firma Viúva Ferreira Pinto & Filhos. Da indústria ao comércio e à agricultura, área em que todos os irmãos eram proprietários fundiários, fizeram de quase tudo e estiveram em todo o lado. Na Estremadura, cultivaram cereais e produziram vários tipos de açúcar. De Rio Maior extraíram rochas e, em Bragança, obtiveram pedras de amolador. Negociaram minérios oriundos das minas do Palhal (Aveiro) e de S. João do Deserto, próximo de Aljustrel. Mercadejaram dois tipos de carvão animal (obtido através da calcinação de substâncias animais) e madeira de oliveira proveniente de Lisboa. No Alentejo, ergueram vasilhas com capacidade para cerca de 3.500 litros que, pelas suas dimensões invulgares, chegaram a ser notícia em vários jornais ingleses.

Em 1852, fundaram a Companhia de Minas Lusitânia e tiveram interesses na imponente Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense. O País viu serem inaugurados os primeiros quilómetros de linhas férreas (1856) e logo o irmão Anselmo abriu uma empresa de construção de carruagens. Os Ferreira Pinto Basto eram igualmente detentores de empresas de viação. Em Londres, estavam alguns dos negócios ligados à importação e exportação que João, o irmão mais novo de José, ali estabelecera através de diversas empresas. Em



⬆ Jogadores no primeiro ensaio público de futebol português, em Cascais (1888). Participaram quatro Pinto Basto

EM 1882 FIZERAM UM CONTRATO COM O ESTADO PARA ASSEGURAR O TRANSPORTE DO CORREIO PARA A AMÉRICA DO SUL

⬆ Guilherme Ferreira Pinto Basto a apresentar o campeão inglês de ténis, A. W. Gore, aos príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel, ambos de chapéu (1907)

1853, chegavam a Portugal duas máquinas agrícolas para serem vendidas, enquanto para Inglaterra seguiu o cobre extraído na mina do Palhal. Em 1860, foram já os netos de José a fundar a E. Pinto Basto & C^a, sociedade que veio a absorver os negócios da antiga Viúva Ferreira Pinto & Filhos, constituída após a morte do patriarca. Com eles, a família passou a deter muitas e importantes representações, das quais se destacam a John Hall & Co., a União Mercantil e a Pacific Steam Navigation Company. Como representantes desta última, celebraram em 1882 um contrato com a Direção-Geral dos Correios, Telégrafos e Faróis de Portugal tendo em vista assegurar o transporte do correio para a América do Sul

através dos seus navios. Estas embarcações eram “magníficos paquetes” que, “na volta do Brasil, tocam em Vigo, Bordéus e Liverpool” e têm “médico a bordo, assim como cozinheiro e criados portugueses para serviço gratuito dos passageiros”, anunciavam as campanhas promocionais na época.

Teodoro era o representante em Londres da Companhia das Vinhas do Alto Douro, outro dos monopólios de que a família beneficiou. Bárbara foi a maior acionista da Companhia de Seguros Fidelidade. A família prosperou e continuou a expandir os negócios. O carvão que alimentava os vapores que passavam por Lisboa e as locomotivas adstritas aos caminhos de ferro portugueses foi export-





FOTOS DR.

🕒 Jogo de futebol no bairro social dos trabalhadores da Vista Alegre, em 1928

tado a partir de Cardiff, em Inglaterra. No vaivém dos navios que faziam o transporte deste mineral inaugurou-se um novo comércio: a exportação de fruta. E para que nunca faltassem, Eduardo adquiriu pomares e tornou-se fruticultor, estabelecendo um armazém na rua da Junqueira, a dois passos do Tejo, onde era embarcada. Longe de imaginar, naturalmente, que os cabos de suspensão da ponte que no século seguinte o Estado Novo ali haveria de construir seriam fornecidos por negociantes da sua família.

O crédito e o prestígio dos Ferreira Pinto Basto em Londres permaneceu em alta e abriram-se portas a novos afazeres. “Serem reconhecidos nos mercados de origem dos produtos era uma das grandes vantagens”, sustenta Bruno Bobone. Vendidas em 1889, dos estaleiros Yarrow saíram duas canhoneiras a vapor para a Armada Portuguesa e, pouco depois, a E. Pinto Basto & C^a tornou-se agente daquela companhia. Os cinco navios de guerra da classe dos Destroyers que em 1933 a empresa forneceu à Marinha já foram construídos nos estaleiros da Rocha do Conde de Óbidos, em Lisboa.

Bisnetos, trinnetos, tetranetos... gerações sucessivas de Ferreira Pinto Basto nunca deixaram de continuar a obra do contratador-geral dos Tabacos e das Reais Saboarias do Reino, Ilhas Adjacentes e Macau. E, hoje, há uma certa omnipresença da família em muito do que o País construiu nos últimos dois séculos, até porque os Ferreira Pinto Basto não só financiaram algumas obras do programa de Fontes Pereira de Melo, nomeadamente a construção de linhas de caminho de ferro, como cederam o conhecimento técnico dos seus trabalhadores para muitas outras. “A família tinha os seus negócios, mas também tinha uma certa capacidade técnica que era reconhecida pelo



🕒 Rogério Pipi recebeu de Guilherme Pinto Basto a Taça Latina, o primeiro troféu internacional de futebol do Benfica

fontismo.” E, por isso, nota Carlos Bobone, “são também chamados a gerir empresas nos caminho de ferro”, como aconteceu com José Pinto Basto Júnior, que foi diretor da Companhia Central Peninsular.

Em 2021, o Grupo Pinto Basto completou 250 anos e o Presidente da República condecorou-o com o título de Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique. No discurso, Marcelo Rebelo de Sousa referiu-se ao grupo empresarial liderado por Bruno Bobone como sendo o representante de uma linhagem muito “peculiar” e com um trajeto “pionei-

Bombeiros privados

Já têm mais de 140 anos e ainda continuam ativos

É pequeno, muito pequeno, mas mantém-se em atividade e é o mais antigo corpo de bombeiros português pertencente a uma empresa. Está na Vista Alegre desde 1 de outubro de 1880. E se noutros tempos acudia a todo o tipo de acidentes que aconteciam nas linhas de produção, atualmente socorrem as indisposições de um ou outro trabalhador que tenha de ser transportado ao hospital e atuam na área da prevenção e vigilância

ro, determinado, imaginativo, inovador, destemido”. Ora, há 170 anos, no livro *The Prize Essay on Portugal*, o barão de Forrester foi muito mais categórico. “Os Ferreira Pinto Basto são uma família muito antiga e muito próspera que crescem e multiplicam-se conforme os mais rigorosos princípios patriarcais, que se unem no pacto filial e fraternal, e que formam de maneira linda e perfeita uma comunidade entre eles.” Sobre o que faziam, o homem que, em maio de 1861, viria a morrer misteriosamente no rio Douro, foi ilustrativo: “Cultivam o seu próprio milho, azeitona, fruta, lúpulo e legumes; criam os seus próprios cavalos, gado, ovelhas e porcos; produzem o seu próprio pão, vinho, manteiga, queijo e óleo, e refinam o seu próprio couro; constroem os seus próprios coches; são os arquitetos e construtores das suas vastas residências; são empreiteiros de obras públicas e, não raramente, de empréstimos governamentais, também.”

Os donos da bola e do ténis

Os negócios e a política preenchem grande parte da vida dos Ferreira Pinto Basto, mas o desporto depressa se transformou num ópio para alguns elementos da família, que por esta via associaram também o seu nome à história do País. Em outubro de 1888, na antiga parada do Regimento de Infantaria n.º 19, em Cascais, um grupo de homens e rapazes juntou-se para um desafio que é hoje apontado como o “primeiro ensaio público do *football* português”. A responsabilidade pela introdução da modalidade no nosso país é atribuída aos irmãos Guilherme, Eduardo e Frederico, bisnetos de José Ferreira Pinto Basto, e terá sido este último a trazer para Portugal a primeira bola de futebol.

A 22 de janeiro de 1889, e com um dia “esplêndido” no Campo Pequeno, Guilherme organizou o primeiro jogo de futebol “oficial”, encontro que pôs frente a frente uma equipa portuguesa – cinco dos 12 elementos são Ferreira Pinto Basto – e outra inglesa. “O resultado do jogo foi muito lisonjeiro para os nossos compatriotas, que conseguiram ganhar a

Banda

Em 1982, a música da banda filarmónica da fábrica deixou de se ouvir. Tinham passado 156 anos

EM 2021, O GRUPO PINTO BASTO COMPLETOU 250 ANOS E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA CONDECOROU-O



▶ primeira partida, ficando a segunda empatada. Não faltaram os trambolhões e os reboles próprios do jogo, mostrando todos os fortes mancebos que nele tomaram parte quão exímios são no manejo do pontapé”, relatava no dia seguinte o *Jornal do Comércio*.

Este pioneirismo dos Ferreira Pinto Basto prosseguiu com a fundação do Foot-Ball Club Lisbonense. A modalidade não tardou a democratizar-se e a servir de estandarte a outras famílias de notáveis, como aconteceu com a CUF, clube privativo dos Mello, que também deu que falar no hóquei em patins e no ciclismo.

Mas o gosto pelo desporto não se esgotou no futebol. A partir de Cascais, Guilherme, outra vez ele, deu a conhecer à alta sociedade lisbonense o *lawn-tennis* e a modalidade rapidamente se tornou indispensável entre aqueles que, na época balnear, procuravam quebrar a monotonia do Passeio Público ou da ópera. Os torneios organizados anualmente pelos irmãos reuniam vários elementos da corte e até o Rei D. Carlos, influenciado pelo sempre intenso Guilherme, acabaria por se tornar num praticante deste novo desporto.

Um outro hábito inglês foi igualmente “importado” pelos Ferreira Pinto Basto para gáudio de uma estrita nobreza masculina do último quartel do século XIX – as corridas de cavalos. As primeiras decorreram no hipódromo de Belém e até à fundação do Clube Equestre (1873), que veio a ser presidido por Teodoro Ferreira Pinto Basto (filho de José), foi um passo. Por esta ocasião, com apenas 15 anos, o jovem Alfredo Pinto Basto, neto do patriarca, mostrava

toda a sua “valentia” numa corrida de novilhos, na Golegã, ao impor “três meios pares de bandarilhas em dois garraios” e fazendo “duas pegas de cara”. Desde a década de 40 do século XIX que o toureio encontra muitos aficionados na família e, uma vez mais, há elementos seus na organização de corridas. Mas, na arena, ocupam também quase todos os lugares. Há cavaleiros, abegões, moços de curro, bandarilheiros, lidadores a pé e pegadores.

A história dos Ferreira Pinto Basto é indissociável da política e são muitos os elementos da família que assumiram lugares de relevo na administração pública. “Embora não existam

◀ O bairro social da Vista Alegre tinha escola, teatro, campo de futebol e habitação para os funcionários

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA É INDISSOCIÁVEL DA POLÍTICA E SÃO MUITOS OS QUE ASSUMIRAM LUGARES DE RELEVO

▶ Bruno Bobone (à esq.) e Carlos Bobone fazem parte do Grupo Pinto Basto, que em 2021 fez 250 anos

grandes registos escritos dos pensamentos políticos, tanto do pai como dos filhos, não deixa de ser significativa a ação desta família, que constituía um verdadeiro clã, com força quase de partido político”, destaca Olga Maria Almeida.

Defensor da industrialização

Na sua tese, a professora concluiu que José Ferreira Pinto Basto “impôs-se como homem empreendedor, inteligente, ativista das causas liberais e, sobretudo, como um precursor e protagonista de grandes mudanças no cenário do desenvolvimento do País”, desde logo por ter sido “um veemente defensor da industrialização como meio de desenvolvimento económico”. Foi, aliás, presidente da Câmara de Comércio – que é hoje a associação mais antiga de Portugal –, por onde têm passado muitos familiares.

O prestígio do industrial levou-o a ocupar vários cargos de responsabilidade no governo. Entre 1820 e 1828 foi membro do Conselho de Famílias, da Comissão de Melhoria das Cadeias e da estrutura encarregada de preparar a Lei de Franquia do Porto e de Lisboa. Fez-



Os políticos do séc. XX

Os ilustres que militaram no PSD, no PS e no CDS

Maria Teresa Pinto Basto Gouveia

Gestora pública

Nasceu em 18/7/1946. Esteve casada com o poeta Alexandre O'Neill. O casamento mais duradouro foi com o PSD, que a levou ao **parlamento durante cinco legislaturas**. Neste período, teve a seu cargo as secretarias de Estado da Cultura e do Ambiente, ascendendo a ministra do Ambiente e dos Recursos Naturais e, por último, chefiando a pasta dos Negócios Estrangeiros. Foi agraciada com várias condecorações nacionais

José Carlos Pinto Basto Mota Torres

Professor

Nasceu em 19/6/1950. Fez-se eleger por **quatro vezes deputado** à Assembleia da República pelo círculo eleitoral da Madeira, onde liderou o PS e foi candidato à Câmara Municipal do Funchal (1997)

Maria José Pinto da Cunha de Avilez Nogueira Pinto

Jurista

Morreu de cancro em 2011, com 59 anos. Foi subsecretária de Estado da Cultura (1991-1995) e líder parlamentar do CDS-PP na Assembleia da República, onde esteve como **deputada ao longo de três legislaturas** (as duas últimas como independente eleita nas listas do PSD). Em 2002, foi nomeada provedora da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

-se deputado e senador em várias ocasiões. Com o governo do duque de Palmela e de Silva de Carvalho, foi nomeado em julho de 1833 para o Tesouro Nacional, acabando por se tornar num dos maiores contri-



FOTOS DR.

buintes para o empréstimo contraído por D. Pedro. Em abril de 1838, quando foi jurada uma nova Constituição, a Câmara dos Deputados teve em José Ferreira Pinto Basto um dos seus membros. Foi este, aliás, o seu último cargo político, já que viria a falecer em setembro de 1839. O seu filho mais velho, José Ferreira Pinto Basto Júnior, também fora eleito deputado. A imprensa cartista tinha nos dois um alvo preferencial dos seus ataques, apelidando o pai de "Barão dos Cacos", numa referência implícita à atividade desenvolvida pela Vista Alegre, e o filho, a quem José deixou a direção do contrato dos tabacos e o Palácio do Loreto, de "Barão dos Charutos". Para além das alcunhas, o jornal *O Raio* não poupava nos insultos que dirigia a ambos. E, quanto a isto, a família tem uma máxima que Carlos Bobone recorda à **SÁBADO**: "Os Pinto Basto são sempre unidos, quem ataca um ataca todos."

Com o decorrer dos anos, José foi transferindo as suas preocupações para o apoio às causas sociais, nomeadamente a educação dos mais desfavorecidos. Foi provedor da Real Casa Pia de Lisboa, cargo que desempenhou com particular satisfação, e secretário do Conservatório Real de Lisboa, instituição que deu origem à atual Academia das Belas-Artes. Também passou pelo Banco de Lisboa, como seu diretor.

As ramificações da família esten-

A família Soares Franco após o casamento entre Isabel Ferreira Pinto Basto e Ruy Soares Franco, em janeiro de 1951

Impostos

As empresas Pinto Basto Navegação e BBSF pagaram €83.275,53 para obterem a suspensão provisória do processo de fraude fiscal qualificada do caso Furacão

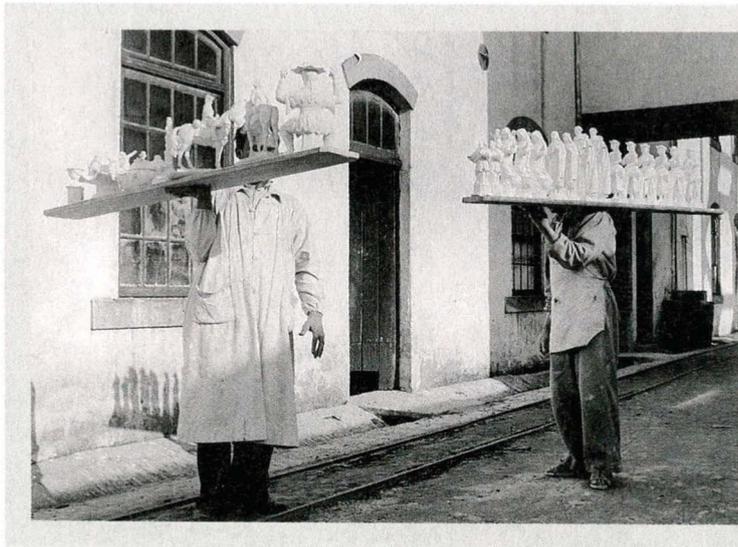
A IMPRENSA TINHA UM ALVO PREFERENCIAL NA FAMÍLIA, APELIDANDO O PAI DE "BARÃO DOS CACOS"

dem-se ao imenso poder local. O filho Alberto, tenente-coronel do Batalhão da Guarda Nacional de Ílhavo, foi ali presidente da câmara, função que o neto e filho daquele, Alberto Brandling Ferreira Pinto Basto, também desempenhou. Domingos, outro dos filhos de José, ocupou a mesma cadeira.

Os netos também fazem jus a este capítulo. Teodoro, nascido em Londres, à semelhança dos seus seis irmãos, foi presidente da câmara de Lisboa. Gustavo presidiu à autarquia de Aveiro. Pela via matrimonial, a família ganhou outros protagonistas. A neta Amélia casou com o lente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, José Dias Ferreira, que foi deputado durante 25 legislaturas, ministro e, por fim, presidente do Conselho de Ministros. Mais recentemente, a aliança foi com os Soares Franco.

Pinto Basto, os revolucionários

Pese embora as excelentes relações que se vieram então a criar entre José e o governo, o avanço das políticas de cariz liberal-cartista depressa encontraram na família uma vigorosa oposição. Em 1836, a revolução de setembro é vista pela imprensa nacional e estrangeira na época como tendo no fundador da Vista Alegre o líder do golpe. Duarte, Justino, Domingos e Teodoro, quatro dos filhos do empresário, eram por esta altura oficiais em diversas corporações da Guarda Nacional, um órgão estra-



FOTOS D.R.

Trabalhadores da fábrica da Vista Alegre, em Ílhavo, no distrito de Aveiro

tégico na luta pelo poder. De tal modo que, a 9 de setembro, o batalhão nº 19 daquele corpo de intervenção, sob o comando do filho Justino, e o regimento de Lanceiros nº 1, liderado pelo sobrinho, José Ferreira Pinto Allen, irromperam nas ruas de Lisboa aclamando a Constituição de 1822. Desamparada pelas suas tropas, D. Maria II acabou forçada a revogar a Carta Constitucional de 1826 na sequência da sublevação. “Indo-nos deitar na cama à sombra da Carta, acordámos no dia 9 de Setembro de 1836 debaixo das leis da Constituição dada pelo povo na revolução do ano de 1820”, escreveu o proeminente memorialista e publicista José Liberato.

Dez anos depois, os Ferreira Pinto Basto voltavam à ribalta, desta feita na Revolta da Maria da Fonte (1846), um conflito com origem nas denominadas “Leis da Saúde” que proibiam os enterros nas igrejas e obrigavam a que os mortos fossem sepultados em cemitérios. O Batalhão da Guarda Nacional de Ílhavo, às ordens de Alberto, filho do patriarca Pinto Basto, esteve muito ativo nesta rebelião, tendo marchado sobre Aveiro, Coimbra e o Porto. Algumas das juntas governativas revolucionárias que se vieram a formar no contexto da revolta eram constituídas por elementos da família, como aconteceu em Coimbra e Aveiro. E as comissões municipais que tomaram o lugar das câmaras tinham entre os seus elementos José Ferreira Pinto Basto Júnior, em Lisboa, e o seu primo Custódio – militante setembrista e comandante do 1º Bata-

A “birra” de D. Miguel

Patriarca ponderou usar passaporte falso para fugir

Desgostoso com a perseguição que lhe moveu o Rei D. Miguel, José Ferreira Pinto Basto esteve a um passo de se mudar para Inglaterra. Sempre repugnou a atitude daqueles que abandonavam o País, mas a forma como perdeu o contrato do tabaco para o conde de Farrobo (Joaquim Pedro Quintela), mesmo tendo oferecido maiores vantagens para o Estado do que o seu adversário, foi assumida como sendo uma retaliação por ser um opositor ao regime.

lhão da Guarda Nacional –, no Porto.

De resto, já em 1823, quando o liberal Silva Carvalho teve necessidade de fugir para Londres na sequên-

NO CASO DOS FERREIRA PINTO BASTO, EXISTEM REGISTOS DE 50 CASAMENTOS ENTRE SI, SOBRETUDO DE PRIMOS

Palácio do Loreto, no Chiado, uma das residências de luxo de José Ferreira Pinto Basto (foto de 1914)



cia do golpe da Vilafrancada, foi José que lhe deu os recursos necessários e, por isso, acabou preso e exilado. A fuga de José Liberato para Inglaterra (1813) terá igualmente contado com a ajuda do mercadejador, de quem recebeu um passaporte falso.

A grande família

Quando Carlos Bobone decidiu escrever a história dos Ferreira Pinto Basto, consultou “todos os ramos da família”. Apesar da insistência, houve os que não responderam e outros que não atualizaram os dados genealógicos, mas, ainda assim, estão ali identificados mais de 2.000 descendentes de José Ferreira Pinto Basto. Nas contas do autor, hoje, “serão cerca de 3.000”. Trata-se de “um caso particular entre as grandes famílias” portuguesas de negócios, considera Antónia Pedrosa de Lima num estudo publicado em 2003. De entre as que analisou, a professora e antropóloga apresenta-a como sendo “de todas a maior” e “a mais antiga”. Nesta comparação entram os D’Orey, Espírito Santo, Vaz Guedes, Mendes Godinho, Santos, Queiroz Pereira, entre outros.

A instituição que preserva e amplia a fortuna, que mantém a família coesa e assegura a longevidade dos negócios é sempre a mesma: o matrimónio. Seja casando com membros de famílias de elite ou, à semelhança de outros conjuntos abastados, entre membros da própria família. No caso dos Ferreira Pinto Basto, existem registos de cerca de 50 casamentos entre si, a maior parte dos quais entre primos. De tal modo que, na terceira geração, há pessoas que são já quatro vezes Pinto Basto.

Mas “para ser Pinto Basto não é preciso nascer Pinto Basto”, lembra Bruno Bobone. Basta apenas que cada um tenha “a preocupação de ser colaborante no desenvolvimento da sociedade”, tal como foi o seu pentavô e, crê, a generalidade dos que dele descenderam, que vão já na 8ª geração. “É pela sociedade civil que nós acreditamos verdadeiramente que vale a pena mudar. E em todas as empresas da família Pinto Basto continuamos a viver esse tipo de preocupações”, finaliza. ■

FERREIRA PINTO BASTO

A SAGA DA FAMÍLIA QUE REVOLUCIONOU PORTUGAL

Tiveram o monopólio do tabaco, construíram caminhos de ferro e navios de guerra. Financiaram reis e fizeram revoluções: trouxeram o futebol e o ténis para o nosso país e criaram há 200 anos a Vista Alegre. Hoje contam com mais de três mil descendentes

José Ferreira Pinto Basto foi o fundador de uma longa linhagem e um dos portugueses mais ricos

